

SÔBRE A DATA DO PLANISFÉRIO DE VES- CONTE MAGGIOLO CONSERVADO EM FANO (*).

1. — *O Planisfério de Fano*. 2. — *Sua data*. 3. — *A datação das cartas náuticas*. 4. — *Uma afirmação do Prof. H. Winter*. 5. — *As datas dos mapas e dos livros do decênio 1501-1509*. 6. — *Como se regulou Vesconte Maggiolo*.

1. — No fim de 1954 Roberto Levillier publicou no jornal *L'Universo* de Florença, um pequeno artigo de sete páginas (1), no qual comunicava, preliminarmente, aos estudiosos, os resultados de uma pesquisa sua sobre um dos mais interessantes cimélios cartográficos do princípio século XVI. Na Exposição Vespuciana, que se realizava então naquela cidade, chamara-lhe a atenção, entre outros, o planisfério que trazia a assinatura do conhecido cartógrafo genovês Vesconte Maggiolo: um documento que, desconhecendo-o, não pudera utilizar na sua *América la bien llamada*, mas que agora acreditava poder considerar como valioso elemento a uma sua tese.

Este cimélio de Vesconte tem, na verdade, uma história muito curiosa. De suas vicissitudes exteriores, sabe-se que durante algum tempo pertenceu a um Cav. Luigi Masetti de Bolonha, que o doou, em 1862, à Biblioteca Federiciana de Fano. Apresentado em 1881 na Exposição organizada em Veneza por ocasião do III Congresso Geográfico Internacional (2), durante algum tempo dêle não mais se soube, tendo sido considerado perdido (3); uma autoridade na matéria, como Harrissee, confirmando-o como tal em

(*) . — Texto italiano traduzido pela Lic. Elza Accorsi (*Nota da Redação*).

(1) . — Cfr. R. Levillier, *Il Maiollo alla Mostra Vespuciana*, em "L'Universo" XXXIV (1954), 959-66; desde então citado com a sigla L. F. Com AB quer-se referir aos dois volumes da *América la bien llamada*, Buenos Aires. 1948 — do mesmo autor.

(2) . — Cfr. *Catalogo generale degli oggetti esposti (in occasione del Terzo Congresso Geografico Internazionale)*. Veneza, 1881; II, n. 433.

(3) . — Cfr. No conhecido catálogo de G. Uzielli e P. Amat de S. Filippo, *Mappamondi, carte nautiche, portolani*, etc. — Roma, 1882 (citado desde então com a sigla UA) n. 476, p. 281 que se considera estar ainda, dubitativamente, em Bolonha com o seu velho proprietário. O equívoco foi possível, provavelmente, porque nos questionários enviados às bibliotecas e aos arquivos do Reino sobre o material cartográfico, que aí se achavam em custódia, a Federiciana de Fano foi esquecida. De fato não se encontra no índice; cfr. ib. d. 297 3 e seguintes.

1892, denomina-o não um mapa, mas Atlas (4). No princípio de nosso século, porém, foi visto e estudado em Fano, onde ainda hoje se conserva; e quem o viu e estudou, acreditou poder identificá-lo com o *Mappamondo* o *Carta da navigare per tutte le parte del Mondo*, conforme ato notorial de 2 de abril de 1534, que o atesta entregue a Vesconte por Lorenzo Lomellino, o editor dos anais de Giustiniani (5).

- (4). — Cfr. H. Harrisse, *The Discovery of North America* — Paris-London, 1892, 434 diz que o Atlas de Maggiolo desapareceu depois da morte de seu autor, que trabalhou de 1549 a 1551. No seu *Jean et Sébastien Cabot* — Paris, 1882 (logo um ano, apenas, depois do citado Congresso Geográfico Internacional) o mesmo autor não faz referência sobre o mapa ou Atlas com a suposta data de 1504, ao passo que conhece e cataloga várias outras produções cartográficas de Vesconte; cfr. *Découverte et évolution cartographique Terre Neuve*, etc. — London-Paris, 1900, 71.

- (5). — S. Crinò, *Notizia sopra una Carta da Navigare di Visconte Maggiolo che si conserva nella Biblioteca Federiciana di Fano*, em "Bolli. R. Soc. Geogr. Ital., XLIV (1907), 1114-21 (sigla CRM). O documento de arquivo do qual, no texto, foi publicado pela primeira vez por C. Desimoni. *Elenco di Carte e Atlanti nautici di autori genovesi*, etc., no "Giornale Ligustico", II (1875), 56; mas a idéia de buscar na produção de Maggiolo que chegou até nós, o mapa original que deveria ter sido impresso por Lomellino já é sugerida por T. Fischer, *Sammlung mittelalterlicher Welt — ud Seekarten italienischer Ursprungs*, etc.; Venediz, 1886, 26, que revela a existência de um mapa de Vesconte com data de 1534 conservado no Arquivo do Estado de Turim. Na realidade este mapa, que não supera o limite do chamado "portolano normal", traz a data de 1535 (vol. 18 J. III).

Vejo que a idéia de Fischer foi retomada, recentemente, por G. A. Beans, *Some notes from the Tall Tree Library*, in *Imago Mundi*, VII (1951), 89 e seguintes, que republica, em tradução inglesa, o contrato de 1934, e, se bem que reconheça que nenhum mapa conhecido corresponde à "descrição" — na realidade muito vaga — fixada no mesmo contrato, aproxima-o do cimélio de Turim, do qual oferece, pela primeira vez, uma boa cópia fotográfica. Segundo Beans o mapa "seria particularmente interessante porque abrange uma parte da área contemplada no contrato e foi desenhada no ano seguinte à assinatura deste. Mesmo não coincidindo em tudo com os termos que o contrato impunha a Maggiolo, ela nos dá uma idéia de como ele o teria satisfeito no que concerne à parte melhor conhecida do mundo, etc.", op. cit. Direi que semelhante conexão está longe de ser evidente e provável; o mapa, de fato, não se afasta muito dos modelos do tempo e não representa portanto nada de verdadeiramente original, ao passo que a diferença das escalas não podia permanecer sem consequência no desenho do Mediterrâneo (e verifique-se, logo depois, a reprovação no próprio mapa). Como em outras produções do mesmo autor, contudo, esta apresenta dois particulares que merecem ser postos em relevo. No ocidente da península ibérica, um pouco abaixo da inscrição com o nome e a data, Vesconte desenhou em proporção reduzida, num círculo, o Atlântico com parte do Velho Mundo, à direita, e o Novo, à esquerda. Este último está representado por um longo, mas pouco largo tronco continental, isolado entre os dois oceanos, e constituído pelas *Indie de Spania* ao N. do Equador e pela *Terra de Brasile* ao S. A parte austral desta última defronta-se com uma nesga minúscula de terra que a circunferência corta: uma inscrição ilegível na fotografia, poderia, creio, mencionar o Estreito de Magalhães. No lado ocidental do Novo Mundo advinha-se dois nomes: *incognita* e (talvez) *peru*. Ao N. das *Indie de Spania* estão desenhadas duas ilhas — certamente a América Central, ou as Antilhas — e separadas delas, se estende em direção a Leste uma longa faixa de terra, sobre a qual está escrita *terra francisca* que se liga à Europa setentrional. Na verdade, este ligamento não causa admiração se considerarmos a época do mapa, mas importa notar que contrasta de modo patente com a idéia que o mesmo cartógrafo fazia desta região, uns vinte e cinco anos antes, e confirma, se ainda fôsse necessário, a falsidade do critério que assume uma antiguidade maior pelas configurações mais distantes não só daquela que nos parece a lógica evolução dos nossos conhecimentos, mas dos mesmos modelos de tempo. Dir-se-ia, confrontando esta representação com aquela que

Aproximadamente quatro lustres depois, quando me ocupava da ilustração de numerosos mapas inéditos ou pouco conhecidos, que se encontravam em Florença, caíram-me nas mãos dois absolutamente desconhecidos: o primeiro trazendo a assinatura de um filho de Vesconte, Giovanni Antonio (1525-1588); e o segundo, a assinatura de um neto seu, filho de Giovanni Antonio, Baldassare (1583-1604), nada menos que um atlas, datado de 1548, desconhecido, segundo versões, do próprio Vesconte (6). Mas, mais ainda que estas ocasionais descobertas — das quais as duas primeiras, ao menos, são de pouca importância, não fôsse sua tardia idade (1577-1604, respectivamente) — a minha atenção se viu atraída por uma outra bem mais notável obra cartográfica de Vesconte, estípite de uma família de cartógrafos que se manteve ativa por quase século e meio (7). Possuía eu, dêste cimélio uma boa reprodução fotográfica, graças ao interesse do conhecido antiquário e meu bom amigo, Otto Lange, que me solicitara para que a ilustrasse. Assim terminei por interessar-me tanto por Vesconte e sua família, que decidi dedicar-lhe uma monografia especial, a qual, naturalmente, impunha pesquisas particulares. Estas deviam tornar-se mais árduas do que previra; mesmo assim, e na expectativa de ulteriores notícias, comecei, como era lógico, pela análise de quanto tinha mais facilmente à mão, ou o que devia ser considerado de maior interesse, tanto pelo conteúdo como pela idade; ou seja, pelo Atlas de 1551, hoje já emigrado para a América, e que precedia de poucos anos ao mapa ainda inédito — mas por pouco tempo ainda — conhecido por mim graças a Lange (8).

E o Planisfério de Fano? Depois de tudo quanto lera a propósito de suas íntimas relações com o mapa-múndi, que Lomellino pensava publicar, conclui que o problema precisava ser reexaminado em todos os seus aspectos, pois pouco ou nada me satisfazia

nos oferece o Atlas de 1511 [no meu artigo: *A. little known Atlas by Maggiolo 1511*, in *Intago Mundi II* (1937), 37 3 seguintes]; que Vesconte tivesse retrocedido de um quarto de século.

O segundo particular que se encontra à margem esquerda do mesmo pergaminho, junto da grossa faixa negra que delimita o desenho, lê-se em correspondência com as duas saliências costeiras, os dois nomes: (?) *de san Michele e santa Maria*; sobre o primeiro nome vê-se a bandeira portuguesa. Tostamente as duas localidades estão colocadas na mesma latitude do Baixo Alentejo português, portanto próximo a 38° N., e em longitude a menos de 10° do continente europeu. São erros tão grosseiros que chocam enormemente os estudiosos, sobretudo se não especialistas; mas a estupefação se desfaz, quando se leva em conta que, como muitas vezes se repete — em vão! — mapas dêste gênero não são considerados dentro dos conhecimentos técnicos dos cartógrafos do tempo.

(6). — Cfr. os meus artigos: *Cineli cartografici sconosciuti esistente a Firenze*, VII-IX, in "La Bibliofilia", XXVIII (1926), 4-12 e *Un atlante sconosciuto di Vesconte Maiollo*, in "L'Universo", VII (1926) 749-753.

(7). — Ou seja de 1511 a 1648; cfr. T. Fischer, *loc. cit.*

(8). — *Di un atlante poco noto de Veconte Maggiolo*, in "La Bibliofilia", XXXIX (1937), 1-29.

quanto havia sido asseverado pelo seu assertor. Ocupado, porém, como me achava com as pesquisas iniciadas sobre um grupo bastante numeroso de mapas, e convencido, como ainda o estou, de ser extremamente improvável a existência destas relações, adiei para melhor ocasião uma viagem a Fano a fim de estudar *de visu* o planisfério, cuja sistematização cronológica — no complexo da atividade de Vesconte — havia procurado fixar, mais pelo lado negativo, com razões que irei expondo. Dêste planisfério, portanto, ocupar-me-ia inteiramente, colocando-me desde logo em comunicação com o Diretor da Federeciana a fim de que providenciasse, por minha conta, algumas cópias, rogando-lhe, ainda, que me desse notícias sobre o estado de conservação do pergaminho e sobretudo da legenda, contendo a assinatura do autor e a sua data.

Nessa altura preciso esclarecer ao leitor a singularidade do problema levantado por esta legenda, um verdadeiro ἀπαξ λεγόμενον da pesquisa cartográfica (9). As cifras que indicam o ano são três em lugar de quatro: 1 5 4, separadas uma da outra por intervalos nos quais, segundo o Diretor da Biblioteca e meu informante, o pergaminho foi rasurado. Natural, pois, se pensasse, como todos têm pensado até hoje, em uma data incompleta que era preciso completar, tendo presente que, conforme os outros mapas, todos datados pelo mesmo autor, êste aparece ativo durante o período de 1511-1543.

Como se viu, não faltou quem propusesse a leitura de 1534; mas esta hipótese não podia deixar de parecer inaceitável por mais de um motivo, e sobretudo porque o Planisfério de Fano mostra que o seu autor ainda não tinha conhecimento do Estreito de Magalhães, ao passo que êste figura no seu outro planisfério com data de 1527. Mas se integração era preciso fazer: esta exigia uma cifra inferior a três. Qual seria, então, a mais provável?

2. — Em princípio, assim também me parecia dever colocar o problema. Mas eis o que escrevia, cortezmente, o Diretor da Biblioteca, respondendo às minhas perguntas:

“As cifras 1 5 4 estão dispostas a igual distância entre si, e depois de 5 há um ponto. Creio, portanto, que seja 1540, e não que falte, como pensava Crinó, uma ci-

(9). — A legenda está situada à esquerda do pergaminho, não distante da sua margem extrema, atrás da linha da costa correspondente ao atual território brasileiro, e diz textualmente: *Ego Vesconte de Maiollo conpoxo. /. anc cartam de anno diy 1 5 4 die. /. VIII Juny in civitatem. Janua...* (esta última palavra está escrita em caracteres visivelmente menores).

A pouca distância desta legenda, e próximo da costa lê-se: *R. Portugal*, e onde ao N. termina a costa: *Tera de Gonsalvo Goigo. /. vocatur Santa Croze*.

fra entre o 5 e o 4, porque — repito — a distância entre o 1 e o 5 é idêntica a que separa o 5 e o 4”.

A resposta, é claro, não podia eliminar as minhas dúvidas: a data de 1540, mesmo do pouco que podia deduzir sobre a questão do planisfério devia, ao contrário, ser descartada *a priori*. Insisti na obtenção de notícias mais precisas. O meu cortez correspondente reexaminou a legenda e algum tempo depois escreveu o seguinte:

“Uma dúvida surgiu-me ao confrontá-la (a legenda) com a que está ao lado da Ilha de S. Trindade — da qual lhe envio uma fotografia — que desmente a minha observação sobre a equidistância, das cifras, porque, enquanto 1 50 3 são equidistantes, entre o 5 e o 3 há intercalado um 0, quase unido ao 5. No entanto, não me parece que na data do ano da composição tenha sido escrito uma cifra entre o 5 e o 4 (1 — 5 — 4): parece-me, ao contrário, que embaixo da evidente rasura, idêntica a que há entre 1 e 5, pode-se ver um pontinho divisor”.

A conclusão mais natural, parece-me, era a de eliminar o zero, que teria, ademais, ocupado, pela sua forma, muito espaço entre o 5 3 e 4, e pensar que a cifra faltante fôsse um 2 ou, mais provavelmente, um 1. Quanto aos dados que se podiam deduzir do conteúdo, à parte a dificuldade de acertá-los com as mais que mediocres cópias de que dispunha, bem como pelas condições em que o cimélio está reduzido (10), tratar-se-á amplamente do assunto no momento oportuno. Além do mais, nas observações que se seguem, não penso afastar-me do exame dos elementos exteriores e extrínsecos concernentes ao pergaminho ou à biografia de Vesconte, a fim de que não aconteça postular a data do mapa daquela mesma ordem de fatos que deveriam, quer numa quer noutra data, em vez de corroborar, negar.

Voltando agora à comunicação feita por Levillier em 1954, convém lembrar que também êle acreditava, então, na necessidade de restabelecer a data do planisfério fanense com a inserção da cifra das dezenas, sustentando que esta cifra, em todo o caso, não só não podia ser o 3, como tão pouco o 2 ou o 1; que a verdadeira cifra só podia ser o 0. Conclusão que — já o vimos — não é fácil harmonizar

(10). — Ao enviar-me uma cópia de conjunto do planisfério, o Diretor da Biblioteca escrevia-me: “Espero que lhe seja útil, conquanto tão desbotada.

O estado do mapa é, de fato, muito medíocre. Foi encontrado, casualmente, por um estudioso, nas mãos de um homem que o lavava para utilizar o pergaminho. O lado esquerdo (Novo Mundo), especialmente, está estragado”. Não é preciso relevar que uma circunstância como esta não se fêz, certamente, para eliminar a dúvida de que, no planisfério de Fano, houvesse sido cancelada a cifra. Curioso, no entanto, que num outro planisfério de Vesconte, aquêle de 1527, que esteve um tempo na Biblioteca Ambrosiana de Milão, a data havia sido alterada.

com a distância que permeia entre o 5 e 4. Mas urge salientar que as conclusões de Levillier apoiavam-se sòmente na avaliação que êle fazia dos elementos do conteúdo relativos a uma pequena parte, apenas, do desenho e, sobretudo, na toponímia do planisfério. A toponímia da orla costeira sul-americana, que fecha, dêste lado, o périplo, confirmaria, na sua opinião, a data de 1504 de preferência às outras datas hipoteticamente fixadas, pressupondo que a última seja o 4; e a confirmação seria tal, a não deixar a mais leve dúvida. Ademais Levillier punha em evidência que uma legenda — não desapercibida dos anteriores estudiosos, mas, até então, jamais objeto de exame — chama de novo, e exatamente em correspondência àquela orla costeira, o nome do português Gonçalo Coelho, já considerado por vários historiadores como provável chefe da “terceira” e “quarta” viagem da “tradição” vespuciana. Pois bem, o ter-se encontrado esta referência em um mapa com data de 1504, provaria — sempre segundo Levillier — que Gonçalo Coelho foi, verdadeiramente, o comandante-chefe da expedição de 1501-1502 — opinião também defendida por vários autores e pelo próprio Levillier. Enfim, ter-se-ia com isso a prova da posição subordinada, de simples “observador científico”, que, naquela como em outras ocasiões, se reservara a Vespucci.

Dois anos depois, Levillier quis apresentar de novo, para os leitores desta “Revista”, aquêles apontamentos que, então, definira *modesti appunti*, sem todavia, nenhuma substancial modificação ou acréscimo (11): nenhuma, excepto umas poucas linhas de uma comunicação que lhe enviara, mediante pedido seu, o Prof. H. Winter a propósito da maneira de se escrever as datas no princípio do século XVI. Segundo o parecer dêste estudioso, as três cifras legíveis no planisfério de Fano não exigiriam qualquer integração, sendo por si só suficientes para exprimir a data, que seria, portanto, 1504. Dêsse modo, a análise do conteúdo do mapa — que, também na opinião do Prof. Winter, excluiria, sem mais delongas, as alternativas 1514, 1527, 1537 — poderia apoiar-se numa base sólida, certificada por elementos extrínsecos, longe de qualquer interpretação arbitrária.

Desde logo direi que, embora pudesse deixar sem réplica aquela parte dos dois artigozinhos de Levillier que diretamente me dizem respeito (12), a solução proposta por Winter para o problema da da-

(11). — Cfr. O planisfério de Maiollo de 1504. *Nova prova do itinerário de Gonçalo Coelho-Vespúcio à Patagônia, em sua viagem de 1501-1502*, “Revista de História”, São Paulo, VII (1956), 431-440 (citado desde então como L. M.).

(12). — Em LF, 960 o senhor Levillier escrevia: “O Prof. Guiseppe Caraci não se occupou de modo especial do planisfério, mas em artigos nos quais se interessava por outros mapas de Maiollo alude, de passagem, a êste, à sua data e aos seus predecessores (*sic!*)”. Rejeita, porém, sem provar a sua afirmação, a data de 1504, testemunhando que a “data do Atlas é sem dúvida mais remota; verificou-se o equívoco porque na assinatura a terceira cifra do

ta interessa tanto, além mesmo da sua possível aplicação no planisfério de Fano, que convida a discutí-la sem mais demora. A finalidade de minhas assertivas é, portanto, a de colher algum elemento concreto — deduzido, naturalmente, da documentação do tempo — que sirva para esclarecer a validade e os limites do princípio enunciado por Winter, exatamente porque, como veremos, a conclusão à que êle chega, no caso em questão, parece-me inaceitável. Quanto ao mais, isto é, às reflexões que Levillier acompanhava em 1954 e acompanha ainda agora a interpretação que êle oferece das duas “legendas” do planisfério, a minha tarefa limitar-se-á, neste campo, a particularizar como tais “reflexões”, conquanto legítimas, encontrem em tudo, talvez apóio, menos no inesperado socorro do cartógrafo alemão, que tão eufóricamente exalta.

3. — Seja-me permitido, antes de começar, algumas considerações de método.

Os estudiosos que se dedicaram às investigações sobre a história da cartografia sabem, por experiência, que determinar com absoluta segurança o ano da composição de um mapa sem data — e ademais anônimo — é, digamos, noventa por cento das vezes operação deli-

milhar é ilegível, e foi julgada um zero”. O “sem dúvida” não se justifica, como também a afirmação de que “o mais antigo trabalho até hoje conhecido de Vesconte seja o conhecidíssimo Atlas de 1511”. Duas sentenças lapidares, mas, como veremos, dois juízos não exatos”.

Mas eis a que se reduz “a acusação” do artigo destinado aos leitores da “Revista de História”: “A (conjectura) que formulará o Prof. Giuseppe Caraci é igualmente infundada. Em um artigo em “que se ocupa” (falta: “de modo especial”!) de outros mapas de Maggiolo (não diz mais de “passagem”!), dedica algumas linhas (antes eu havia simplesmente “aludido”) a êste, à sua data, e aos que o haviam precedido no exame ou menção do planisfério (meras indicações bibliográficas!). Com tal ênfase generalizadora de que soe orar (de que púlpito!), rejeita sem dar razão alguma a data de 1504, e assevera (segue-se a citação do trecho acima referido). Verá o leitor que o “sem dúvida” tem, como “o equívoco”, tão pouca justificação como “a afirmação de que” (segue-se a referência ao Atlas de 1511 como a primeira obra datada de Maggiolo. E note-se aqui a fineza do autor: uma vez rejeitada ao planisfério de Fano a data de 1504, a primeira produção por nós conhecida de Vesconte é — automaticamente — o atlas de 1511. Em qualquer caso, pois, a “lápide” seria uma só!).

São, como o leitor vê, misérraveis nugae, às quais se adapta à perfeição uma frase de quem, no entanto, não hesita em as especular; “parece inverossímil que alguém pueda complacer-se em semeantes miñerías”!; cf. ABn I, 187. Nas páginas que precedem expus a “história” das minhas opiniões; nas próximas que aqui, e alhures publicar, prosseguirei com o resultado das minhas pesquisas. Quanto à irritação com que o senhor Levillier escreve — êle que no entanto me havia “incluído” em uma “pléiade” de “especialistas que mereceria haber sido escuchados” em temas de estudos cartográficos! (cfr. II, 253-245) — a sua etilogia é muito simples: trata-se de uma banal indigestão. O senhor Levillier, não conseguiu, de fato, engulir as críticas que precisei fazer às suas divagações; críticas expostas e documentadas em uma respeitável série de artigos e que até agora permanecem sem respostas, exceto um descontrolado desabafo de insolências, com as quais o A., evidentemente, se ilude e acredita poder defender-se. Para que o leitor possa inteirar-se, se quiser, eis as indicações necessárias relativas aos meus artigos: *I problem! vespucciani ed i loro recenti studiosi*, in “Boll. Soc. Geogr. Ital.”, LXXXVIII (1951), 241-260 e 325-346 (desde então citado com a sigla CPV); *Amerigo*

cada e difícil e exige a cooperação de todos os recursos — e os riscos — da hermenêutica histórica e filológica. Mas as coisas variam muito — basta querer uma determinação verdadeiramente exata — quando se der o caso, antes insólito, de que se conheça já, como aqui se dá, o nome do autor e se disponha de algum elemento concreto que encerre em âmbitos relativamente estreitos o espaço de tempo em que possamos e devamos nos mover. E' óbvio que a possibilidade de errar o alvo depende, exatamente, dos obstáculos contra os quais esbarra uma investigação que, partindo da necessidade de fixar no tempo um ato da vontade humana — isento de qualquer elemento procedente da sua origem — o estudioso não tem, via de regra, outro recurso que aquêle da análise do conteúdo, a qual é capaz, quando o é, de concluir, em todo caso, o precedente, não o conseqüente ou o que se segue àquêle ato (13).

Pois bem, na análise do conteúdo, se por um lado ajuda o confronto com os mapas coevos datados, por outro lado, as deduções que dela se podem tirar também permitem — como acentuamos — a inevitável intervenção de critérios e apreciações subjetivas, que podem ser em mais de um caso, e de fato o são, ilusórios ou arbitrários. Segue-se que só os elementos extrínsecos têm ou podem tomar valor dirimente. Assim, exemplificando, o apêlo às filigranas, para os mapas impressos, permitem comumente determinações precisas e certas; muito mais precisas e certas das que se poderiam obter do estudo do conteúdo, que sempre esconde causas de erro. Entre estas causas, para retomar o assunto — a mais freqüente e difundida é a de se acreditar que o *terminus ad quem* de um mapa tenha que coincidir *sic et simpliciter* com a data mais recente postulada

Vespucci e um moderno crítico argentino, na "Revista de História", São Paulo, II (1952), 311-351 (CMC); *Le lettere di Amerigo Vespucci*, in "Nuova Rivista Storica", XXXVII (1953), 379-438 (CLV); *Más ervas d'zinhas no horto vespucciano*, in "Revista de História", São Paulo IV (1953), 351-382 (CMV); *Amerigo Vespucci cinquant'anni fa ed oggi*, in "L'Universo", XXXIV (1954), suplemento no n. 3, 3971438 (CCV); *Ancora male erbe nell'orto vespucciano*, in "Memorie dell'ist. di Scienze Geografiche dell'Università di Roma", série II, vol. I, parte I, 29-127 (CDC); *Amerigo Vespucci e... o intocável historiador*, in "Revista de História" cit., VI, (1955), fasc. 21-22, 293-317 (CHI); *Apocrifi vespucciani: I. Il Mundus Novus*, in "Nuova Rivista Storica", XL (1956), 262-297, (CAV).

Neste artigos, naqueles contidos no presente volume e em outros que seguirão — os dois grossos volumes de AB e os artigos que se lhes seguiram — são uma inesgotável mina de "chamadas" críticas! — onde o leitor encontrará tantas "lages" que dará para encher um cemitério. E mais, se as "lápides" forem aumentando em número na razão direta da... intolerância digestiva do A., e nas inversas da sua resignação a não mais ter-se por um "intocável".

- (13). — Aqui se fala — aclarêmo-lo bem — de *datação*, não de *identificação*. Para identificar o autor de um mapa faz-se necessária a pesquisa de elementos exteriores que podem tornar-se decisivos, mesmo se nem sempre tão peremptoriamente, como alguém sustentou. E' óbvio que a identificação torna-se, depois, precioso elemento para a datação.

pelo seu conteúdo dentre outras dos acontecimentos que no próprio mapa foram registrados.

Neste caso, por exemplo, se o desenho ou a toponímia de um mapa atestam que o cartógrafo teve conhecimento da expedição vespuciana de 1501-1502, dever-se-ia considerar sem mais delongas que a data remonta aproximadamente a 1502, ou posteriormente; da mesma maneira que o encontrar-se, num planisfério anônimo e sem data, pintada a figura do rei Atahualpa, que subiu ao trono do Perú em 1529, levasse um estudioso a concluir, imediatamente, que o planisfério devia ser posterior àquela data, mas “só de pouquíssimo tempo” (14).

E', ao invés, claro que êstes e análogos elementos do conteúdo representem, antes, um *terminus ad quo*, no sentido de La Palisse, de que o mapa não podia estar iniciado, se antes o seu autor não estivesse em poder de tais elementos. No entanto o *terminus ad quem*, não somente não coincide nunca exatamente — como é óbvio — com a data mais recente do conteúdo do mapa abstratamente compreendido, como o mapa mesmo pode, concretamente, ter sido composto, muito tempo depois, como soe acontecer. Demonstra-se isto por inúmeros exemplos; basta, porém, o de um dos cartógrafos mais conhecidos e apreciados do século XVI, Battista Agnese. Ele mui raramente se revela atualizado como de fato se acreditou; mas, no entanto, poucas vezes faz referência aos resultados das descobertas geográficas do seu tempo,

“mesmo quando os seus atlas trazem uma data muito mais remota. As costas americanas do Pacífico, por exemplo, figuram nos seus mapas incompletas, tanto em 1536 como em 1554, e o Yucatan, cuja natureza peninsular havia sido levantada por Hernández de Córdoba em 1517, e que já figura como península no mapa de Pineda de 1519 e no grande mapa de Diego Ribeiro de 1529, é representado como ilha em todos os atlas de Agnese” (15).

(14). — No que diz respeito ao primeiro exemplo, vide adiante, no texto. Para o segundo cfr., o meu artigo: *A proposito di alcune carte nautiche di Grazioso Beninossa*, in “Memorie Geografiche dell'Istituto di Scienze Geografiche e Cartografiche dell'Università di Roma”, I, Roma, 1954, 283-290. A exemplificação poderia continuar *ad infinitum*.

(15). — Cfr. A. Magnaghi, *L'Atlante manoscritto de Battista Agnese della Biblioteca Reale de Torino*, in “Rivista Geogr. Ital.”, XV 91908), 76-77. O autor deduz haver ocorrido isso: “uma vez criado um tipo, êste persistia e continuava a ser difundido” independentemente do seu conteúdo. Wagner, querendo pôr ordem na copiosa reprodução d'êste cartógrafo, constituída na sua maior parte de atlas e mapas sem datas, viu-se obrigado a estudar uma tipologia, que vem a ser uma classificação fundamentada em critérios essencialmente extrínsecos. Mas, exatamente por ter alcançado, às vezes, critérios de conteúdo, encontra-se freqüentemente em dificuldade, e se vê obrigado a deixar fora de toda classificação um certo número de unidades; cfr. H. R. Wagner, *The manuscript Atlases of Battista Agnese*, in “Papers of the Bibliogh. Soc. of America”, XXV (1931), *passim*.

Não admira, portanto, que a datação de tôdas as cartas náuticas, sem exceção chegadas até nós, nas quais, a maioria admite, sem dúvida, se acham expressos os resultados da grande viagem vespuciana de 1501-1502, encontra, para a sua determinação, geral desacôrdo entre os críticos. Em AB, II, 8-52 Levillier cataloga cinco como, precisamente, de 1502: Hamy, Kunstmann II, Oliveriana, Cantino e Canério (Cavério), tôdas sem data e tôdas, salvo a última, anônimas. Mas — diga-se de passagem, *sem raso alguma* — exatamente em lugar das simples indicações bibliográficas, tidas em mira pelo senhor Levillier, deveria êle ter procurado determinar as relações cronológicas entre os vários mapas sôbre os quais depois “julga e manda”. Segundo outros estudiosos, de fato, seria preciso remontar anteriormente a 1504 para Hamy, a 1505-1506 para Canério, a 1506 para Kunstmann II, e ainda a 1508 para a Oliveriana. Só para Cantino a data 1502 é certa; mas se bem que atestada por atos de arquivos, isto é, por elementos extrínsecos (ao contrário) neste planisfério, o desenho da linha da costa e a toponímia, precisamente, em correspondência com o continente sul-americano, foram, como se sabe, visivelmente alterados. Pois bem, se a data exata é ôbviamente uma só, a maior parte daquelas deduções está errada, porque se fundamenta sôbre elementos do conteúdo ou avaliados sem exatidão, ou sustidos por argumentação ineficiente.

Isto devia ter sido exposto, claramente, antes, porque não se pode concordar com Levillier quando fixa para os quatro mapas anteriormente citados, estimados todos de mesma origem, exceto o planisfério Cantino, cuja toponímia não coincide com a dos demais — a comum data de 1502, para depois deduzir que elas documentam a sobrevivida expedição vespuciana, por que, procedente desta expedição, aquela data fôra, antes, deduzida. Trata-se, comumente, de um círculo vicioso, e tanto mais evidente, desde que a determinação da data se fundamenta sôbre um desenho e sôbre uma toponímia que só os mapas revelam. Daí a importância do problema da data no planisfério de Fano: se esta data correspondesse realmente a de 1504, ela demonstraria por si só que desenho e toponímia, pelo menos, de Hamy, Kunstmann e Canério não podem proceder de outra fonte que não seja a da expedição vespuciana de 1501-1502, nenhuma outra tendo sido feita, naquela parte do périplo, antes de 1504, com exceção da chegada de Cabral, que aqui não tem interêsse. Assim sendo, a perfeita recíproca aderência dos quatro mapas confirmaria, dando-lhe caráter de absoluta certeza, não tanto a historicidade da expedição vespuciana — que por outro lado, se bem certa, continua a ser cavilosamente contestada —

quanto à série toponímica que vai do Cabo São Roque ao Rio de Cananor, inserindo-a com plenos direitos entre as concretas contribuições daquela expedição, muito mais convincentemente do que se possa fazer com os planisférios, relativamente tardios, de Waldseemüller.

4. — Eis porque a questão levantada pela intervenção do Prof. Winter deve ser aqui discutida, se não com tóda a amplitude que merece, pelo menos de maneira a chegar a conclusões que interessem aos problemas vespucianos.

Citemos, pois, textualmente, para comodidade do leitor, o trecho epistolar que Levillier nos deu a conhecer:

“As to the date of Maiollo, certainly it was inevitable to refute the readings: 1534, 1524, 1514. But there is another reason for favoring 1504. At the end of the 15th century *one* changed from semigothic letters to latin ones and viceversa from latin situation: *one* pronounced *one* (thousand), *five* (hundred) and *four* = 1. 5. 4., so, having only there unities. Therefore *one* was not obliged to put in a zero, as far as the 3 unity was an independent word not composed as thir-teen, fourteen, etc. Therefore 1. 5. 4. is not lapse. And even the same Maiollo uses the last possibility for such writing (3 unity twelve) on his portulan chart in New York. (Vesconte Maiollo composuy hanc cartam in neopoly de anno dny 1. 5. 12 juny, still with three unities writing as for squeaking” (16).

Deixemos por ora de lado, como marginal ao problema que nos interessa, tudo quanto concerne à pretenciosa passagem das cifras e letras semi-góticas ou latinas e vice-versa: um tema em que, ao menos no que diz respeito à Itália, não serão provavelmente muitos os que compreenderão o que quis afirmar Winter. A questão para nós importante é a de se poder apurar se um autor qualquer italiano, escrevendo na primeira década do século XVI as três cifras que agora se lêem no planisfério fanense, pensava exprimir o que Winter pretende que elas exprimam.

Quanto ao resto, isto é, quanto às deduções que das legendas e da data existentes no planisfério se podem tirar, tratá-lo-emos à parte, examinando no seu complexo a atividade cartográfica de Vesconte Maggiolo.

Quem tem prática de documentos e de livros do fim de Quatrocentos e do princípio de Quinhentos sabe muito bem que, em

(16). — Cfr. LM, 438. Naturalmente o senhor Levillier apressa-se a acolher de braços abertos, sem mesmo um tímido princípio de contróle crítico, “esta grata lição, saída da realidade histórica”, que, “servirá para consignar ao planisfério de Majiollo uma poderosa ratificação” da tese que lhe é cara.

qualquer tipo de escrita, o modo como são indicadas as datas é variadíssimo, quer na Itália quer fora dela. Naturalmente, dado os limites impostos a esta investigação preliminar, não é o caso de difundir-se para tal propósito mais do que é necessário para o nosso assunto. Além disso, um outro elemento nos ajuda a circunscrever ainda mais o campo da discussão. De fato, a interpretação de Winter tem apóio no hábito difundido naquêlo tempo, na Itália como alhures, de dividir em três grupos — ou unidades, como êle diz — as quatro cifras das datas, de modo que as duas primeiras (milhar e centena) constassem de uma só cifra, e o último grupo (dezena e unidade) das duas remanescentes. Ora, é claro que para as datas de 1501 a 1509 êste último grupo seria resultado de cifra única. O problema, em termos simplificados, resolve-se, pois, na seguinte questão: o zero da dezena seria eliminado? Winter afirma que sim quando diz que

“o que ora se lê no planisfério de Plano não é um erro, e que não necessita nenhuma integração”;

êle defende assim, implicitamente, que um sistema de escrita como êsse era absolutamente regular, ou seja, consagrado pelo uso.

Não obstante — é patente — um caso semelhante não se verifica — que me conste, a mim e a outros também — em nenhuma das cartas náuticas, aliás bastante numerosas, que se conservaram, nesse e em outros séculos; como tão pouco se tem notícia para outros gêneros de representações cartográficas, não importa de que conteúdo ou idade.

Verdade é que se poderia objetar que os mapas manuscritos ou impressos, náuticos ou não, chegados até nós, datados de 1501, são de número tão reduzido que não nos permite — apesar destas constatações negativas — repelir, levianamente, a interpretação de Winter. Mas — como é fácil responder — não havendo razão para aceitar que a indicação das datas naquele gênero de documentos, se concretizasse em fórmulas diversas das atestadas pelo uso comum, é lícito tirar do complexo dos outros tipos de escritas elementos válidos para o problema que nos interessa. E ademais, não se infere que Winter aplique qualquer reserva à sua interpretação, a ponto de limitar, de algum modo, o significado geral que evidentemente lhe atribui.

Pois bem, mesmo investigando no interminável campo dos atos de arquivo e dos livros, não se diria que a investigação de casos análogos ao nosso tenha que resultar útil. Posso, aliás, dizer que foram, até agora, absolutamente negativas, a êsse respeito, as respostas de muitos e excelentes especialistas: paleógrafos, diplomatas, arquivistas e historiadores por mim consultados. Natural-

mente, não se quer omitir que Winter esteja em condições de corroborar a interpretação que propõe com um certo número de exemplos. Ao contrário, devo supor que não os tenha citado só porque aquela sua carta dirigida a Levillier era uma carta de caráter informativo. Não duvido que dia mais dia menos quererá torná-los públicos.

5. — Quanto a mim, na impossibilidade de conduzir uma pesquisa sistemática — que além de estar fora da minha alçada específica, seria com certeza muito extensa, — quis tentar um ensaio, ficando num campo de estudo que me é familiar. Escolhi, para conferência, a rica e preciosa *Biblioteca Americana Vetustissima* de HARRISSE (17), uma das poucas obras que traz reproduzidas na sua forma tipográfica, frontespícios, colofões e legendas de quase tôdas as unidades catalogadas. E eis os resultados desta rápida resenha.

De quanto concerne à produção relativa ao período de 1501-1509, HARRISSE conhece e descreve amplamente 68 obras entre BA e BAA. Destas, apenas quinze estão sem data; das restantes 53, quase metade está em latim, e a outra metade em alemão [14] e italiano [11]; em espanhol e inglês não há mais que duas ao todo. Se examinarmos nos frontespícios e nos colofões a data da edição, encontraremos pelo menos uma dúzia de formas diferentes. A mais comum (16 exemplos) se exprime em cifras latinas, decompondo o número na “triáde” conhecida (por exemplo: M. ccccc. II B, 42; ou M.D. V-: BAA, 12); mas há também quem o divida em dois grupos apenas (5 exemplos), separando do milhar todo o resto (por exemplo: M. CCCCCVVII: BA, 48; d CCCCCV: BBA, 18) ou quem o conhecia unido (4 exemplos: cfr. MDVI: BAA, 22), quer em latim como em alemão; não falta sequer um representante espanhol. Esta categoria é interessante porque indica que as datas eram lidas, precisamente como as lemos agora (por exemplo: ano milésimo, quintengésimo quarto: BA, 31), não esquecendo, naturalmente, também os sistemas alemão, inglês e francês que dispõem o milhar e centena com uma só palavra, composta sobre a base da segunda unidade (por exemplo: *Funfftzenhundert und Funffjar*: BA, 33); o que comprova a tendência de pôr as duas últimas cifras da data em evidência, qual grupo distinto. Às vezes, porém, adotavam formas mistas, ou recorrendo à dicção dita

(17). — Cfr. H. HARRISSE, *Biblioteca Americana Vetustissima*; New York, 1886 e *Additions*, Paris (1872). A primeira será indicada desde agora com a sigla BA, a segunda com BAA. Naturalmente, estendi a pesquisa a um grande número de outras obras, e também a catálogos de antiguidades, sem jamais encontrar um só caso que se possa indicar como prova do princípio enunciado por Winter.

de tom humanístico: *anno supra sesquimillesium*, seguindo-se em letras romanas a última unidade do número (cfr. BA, 133) ou, então, pondo nas letras romanas o correspondente das duas primeiras unidades acompanhado do multiplicador cento (*XV hundert*); os três exemplos atestados são todos alemães, e de 1505; cfr. BA, 37, 38 e BAA, 21).

Quanto às cifras árabes, o seu emprêgo, em conjunto, resulta menos freqüente, mas com tendência a firmar-se sempre cada vez mais. Neste caso o sistema sem confrônto prevalecente é aquêle de conservar unidas as quatro cifras da data como depois sempre aparece — entende-se sempre com referência a BA e BAA-BA — em época posterior a 1510. Uma só exceção se registra, mas as quatro cifras da data estão tôdas separadas uma da outra (I. 5. 2. 5.; cfr. BA, 133). Pois bem, o único caso, entre mais de 50, em que se tenha uma “tríade” de cifras árabes é evidenciado pelo *Dialogus* de J. Stamler: composição latina impressa em Augusta em 1508; esta data, porém, não está escrita segundo esperamos do enunciado de Winter, mas assim: 1.50 et 8 (BA, 51). Não parece, pois, que o significado da cifra 0 fôsse, não digo perdido, mas sequer omitido na escrita. Pode-se, aliás, ter a confirmação disso numa outra forma, atestada também por um só exemplo: M. Vc V, onde se quis — porque se devia! — precisar o valor da carta que aqui traduzia, por assim dizer, a correspondente cifra árabe (BA, 39). Por outro lado a forma 150.8, — embora possa parecer diversa das que a precedem antes de 1500, como, por exemplo, o 1. 4. 94 atestado pela resenha aqui examinada (BA, 15) — é-lhe, em substância, perfeitamente análoga, sendo evidente, precisamente, a exigência de indicar no segundo grupo o valor diferente que o 5 assumia em confrônto com o 4, se seguido de uma só cifra que não de duas.

Seria arbitrário — é claro — sobreestimar o pêso desta ocasional fiscalização que se assemelha um pouco àquela do guarda alfandegário que introduz uma haste nos sacos de farinha, quando o carro se acha diante do fisco. Mesmo que não encontrando resistência, deixar de furar os sacos, quererá, no entanto, sempre dizer — em condenada hipótese — que sem dúvida há muito mais farinha do que mercadoria de contrabando. Por outro lado, o ensaio terminado prova que as diferentes formas de escrita correspondiam a costumes, entre os quais não serei certamente eu quem negará o poder-se encontrar aquela hipotética data de Winter. Mas exatamente porque cada hábito se fixa no tempo e no espaço, tem-se já claro indício, por êste ensaio, que, ainda que usada a “tríade” de Winter, não pode representar, como foi dito, senão uma exceção; e então o critério válido para decidir o caso que nos interessa

deveria ser o de verificar como concretamente, de fato, se comportava Vesconte.

Ora, dos 19, dezesseis entre mapas e atlas que dêle nos restam, conheço diretamente ou através de reproduções, mais de dois terços: dêstes dezesseis, apenas cinco apresentam a cifra da data dividida por pontos, e são quase todos os mais antigos. Ao lado da divisão ternária do tipo 1.5.11, atestado por quatro exemplos (dois com a data de 1.5.12.; e depois 1.5.13.), há também um quaternário (1.5.2.7.); todos os demais mapas ou atlas têm o milhar com cifras unidas. Como a partir de 1516, Vesconte adota esta última forma, poder-se-ia inferir que a “tríade” caracteriza o período juvenil da sua atividade, e ver neste particular uma confirmação de que o planisfério de Fano pertence a tal período, como de resto se deduz do conteúdo; não excluamos no entanto a possibilidade, digamos, abstrata, que pode ser sugerida pelos elementos extrínsecos, de que a sua data verdadeira seja a de 1514. Mas nem mesmo aquêles quatro exemplos possuem valor dirimente; quando houver zero no segundo grupo da “tríade”, sua inserção não só não é requerida, mas até desnecessária devido à presença de duas cifras no terceiro grupo.

6. — Neste sentido o ter-se procurado fixar os hábitos de Vesconte poderia parecer fadiga vã, se não nos iluminasse uma eventual ocorrência, encontrada mesmo no planisfério fanense, e que estranhamente escapou à atenção de Levillier, se bem que já advertida e posta em evidência num escrito que Levillier conhece e cita (18). Mesmo próximo à margem inferior do planisfério, de fato, em correspondência com o *Mare Cceanus Meridionalis*, isto é, com o Atlântico austral, Maggiolo desenhou uma grande ilha, na qual se lê a seguinte legenda:

“y a trinitrad (sic) Ista ysolla vocatur santa trinitade inventa fuit pro rey de portugal de anno dni 1 50 3 die ses otob (ris)”.

Pois bem, a data 1503 não apenas dá posição, com as suas quatro claríssimas cifras, ao 0, como a disposição destas corresponde perfeitamente à forma da “tríade” que vimos atestada no exemplo de Stimber: 1.50.3. A conclusão que os dois casos autorizam é, portanto, evidente: mesmo se a escrita hipotética de Vesconte fôsse historicamente certificada e até usada como certa frequência, a balança das probabilidades, no caso que nos interessa, pende, antes — tudo considerado — para o outro lado.

(18). — A legenda, de fato, está indicada também no CRM, 1118-1119. Não se diria, pois, que o senhor Levillier tenha lido atentamente aquilo que cita.

Com isso, sem embargo, o problema da data que se deva atribuir ao planisfério de Fano não está ainda resolvido. As deduções extraídas do objetivo exame das circunstâncias reais, por nós conhecidas, sobre as maneiras pelas quais, no primeiro decênio de 1500, se escreviam as datas, propõem de novo, no abstrato plano das possibilidades, as alternativas de 1504, 1514, 1524 e assim por diante. Sòmente outras circunstâncias externas, se existem, ou os elementos fornecidos pelo exame do conteúdo, se decisivos e persuasivos, poderão eliminar as datas insustentáveis e permitir-nos encontrar a verdadeira. Mas êste é outro e bem diverso aspecto do problema, que não quisemos, propositadamente considerar.

O queurgia, era verificar *in primis et ante omnia* a liceidade do critério asseverado por Winter. Cabe agora a êle, Winter, exhibir provas em contrário — se as houver, como não duvido — mas sempre prescindindo, se entende, de tudo quanto se relacione com outros campos de investigação. E isto, a fim de evitar que nos percamos procurando corroborar esta ou aquela das alternativas possíveis com provas de diversos gêneros. Se assim fôsse, repito, recairíamos um paralogismo: não seria a data que qualificaria o planisfério, mas o planisfério tornaria mais ou menos provável esta ou aquela data.

GIUSEPPE CARACI

da Universidade de Roma.